

Estádio do Espelho como Formador da Função do Eu, Lacan (1949)

Nataniel Cezimbra

Lacan inicia a sua apresentação, no 16º Congresso Internacional de Psicanálise em Zurique, observando que a sua definição de função do Eu se opunha ao Cogito cartesiano. Lacan observa que este Eu reconhece a sua própria imagem, como tal no espelho, desde a idade de inteligência instrumental da qual um macaco lhe é superior. Que esta qualidade após adquirida pela criança, ela passa a experimentar ludicamente a relação dos movimentos assumidos pela imagem com seu meio ambiente refletido, e desse “complexo virtual com a imagem”, há esta reduplicação do seu corpo, do corpo das outras pessoas e dos objetos que a cercam. Esta fase se inicia aos seis meses e dura até um ano e meio de idade. O estágio do espelho é uma identificação, é a transformação produzida no Sujeito quando ele assume uma imagem (imago).

Segundo Lacan, esta assunção de sua imagem especular manifesta a matriz simbólica em que o Eu se precipita numa forma primordial. Este período precede a dialética de identificação com o Outro e ocorre antes que a linguagem lhe restitua sua função de Sujeito. Esta assunção, identificação narcisista, deveria ser designada como Eu Ideal, segundo Lacan, ou “a origem das identificações secundárias” (pai, mãe, Outros), e ponto de partida das funções de normalização libidinal. Cria a instância do Eu antes de sua determinação social, aberta ao “devir do Sujeito” e a sorte de suas “sínteses dialéticas”, deste Eu que tem que resolver as questões de suas discordâncias da sua própria realidade.

Para Lacan: *“a função do estágio do espelho revela-se para nós, por conseguinte, como um caso particular da função da imago, que é estabelecer uma relação do organismo com sua realidade-ou, como se costuma dizer, do Innenwelt (mundo interior) com o Umwelt (mundo circundante).”* O psicanalista francês observa que a prematuração do homem tem um papel importante no período especular, devido ao inacabamento anatômico do sistema piramidal, este precipitar-se “da insuficiência para a antecipação”, produz na construção deste Eu fantasias de um corpo despedaçado até uma forma de totalidade, que por fim se assume uma identidade alienante, uma armadura, uma estrutura rígida que irá percorrer seu desenvolvimento mental. Neste ponto de conceituação do estágio do espelho e das suas fases, da qual a prematuração exerce um papel importante de estar ligada a fantasias primárias sobre o corpo, este jogo de fragmentação, dispersão, difusão, bem como ao longo do desenvolvimento de completude, integridade, plenitude da qual Lacan fala que a formação do Eu se simboliza oniricamente por um campo fortificado. Porém, este lugar, a qual se justapõe as vezes, dois campos de lutas, o do Id (Isso) e do Eu, que busca sempre um “altivo e longínquo castelo interior”. Para Lacan, desta obra fortificada aparecem os sintomas do Sujeito, ou seja, os mecanismos de inversão, isolamento, reduplicação, anulação e deslocamento da neurose obsessiva.

Na conclusão do estágio do espelho, há um processo de alienação paranoica, de formação do Eu social, que surge com a identificação com a imago do Outro e do aparecimento do drama do ciúme primordial. É o momento em que o saber humano se inclina em direção ao desejo do Outro, momento de concorrência (constituição dos seus objetos em equivalência abstrata), segundo Lacan. Ao final do texto, Lacan traz a discussão os conceitos de investimento libidinal primário (narcisismo primário) e sua diferença da libido sexual, que traria elementos como destruição, morte, e a relação entre esta libido primária e a função alienante do Eu para explicar a agressividade.

Finalizando, citamos um parágrafo, ao fim deste texto de Lacan, em que ele se posiciona diante do Existencialismo, de uma sociedade utilitarista e de um homem que vive a angústia diante dos vínculos sociais : *“A essas proposições opões-se toda a nossa experiência, na medida em que ela nos dissuade de conceber o Eu como centrado no sistema percepção-consciência, como organizado pelo “princípio de realidade”, no qual se formula o preconceito cientificista mais contrário a dialética do conhecimento, e nos indica que partamos da função de desconhecimento que o caracteriza em todas as suas estruturas, tão vigorosamente articuladas pela srta. Anna Freud; pois, se a Verneinung representa sua forma patente, latentes em sua grande maioria permanecerão seus efeitos, enquanto não forem esclarecidos por alguma luz refletida sobre o plano de fatalidade em que se manifesta o Isso.”*

Anotações:

Foi apresentado pela primeira vez em 1936 no Congresso Internacional de Psicanálise em Marienbad, depois foi objeto de uma comunicação em 1949 no Congresso Internacional de Psicanálise em Zurique, sob o título: “O estágio do espelho como formador da função do eu, tal como nos é revelado na experiência psicanalítica” (Écrits, 1966).

A etapa do espelho é esse momento de “individualização do sujeito no espelho”. Até agora a criança vive numa confusão entre ela e o outro. A imagem do corpo é construída na “rede de segurança da linguagem” formada pela mãe. (F. Dolto, A Imagem Inconsciente do Corpo, 1984)

O que a experiência do espelho trará à criança é uma faculdade de individualização do seu próprio corpo que marcará a sua entrada no narcisismo primário. A experiência acontece entre os 6 e os 18 meses, ou um ano durante o qual ocorrerá diversas vezes, em três momentos que se sobrepõem e se misturam: primeiro a criança vive na confusão de si mesma e do outro. Então, colocado diante de um espelho, ele compreenderá que o que vê neste espelho é apenas uma imagem, ou seja, que o outro do espelho não é real. Por fim, terceiro momento, decisivo este, a criança reconhecerá a imagem do espelho como sendo sua; da mesma forma, perceberá que a imagem de sua mãe, ao seu lado, é a de sua mãe. É aqui que se dá a “unificação e identificação primordial” com a reflexão, na imagem de uma figura reconhecida como outra.

Para Lacan, ocorrem as seguintes etapas: 1) Há antes de tudo uma “antecipação imaginária” por parte da criança, pois, ainda não tendo adquirido maturidade neurológica, nem coordenação motora, e ainda sem o controle de seu corpo, ele tem, no entanto, a capacidade, na imaginação, de realizar a unificação do seu corpo. 2) Além disso, segundo Lacan, isso é possível pela presença da mãe ao seu lado: a criança, de fato, não está sozinha, pois, se estivesse, correria o risco de ficar sozinha, perder-se no espelho. Aqui sua mãe o segura, fala com ele, nomeia-o, diz-lhe seu nome, seu sobrenome, que ela repete, graças aos quais se formará o primeiro significante com o qual a criança se identificará. Este advento, esta identificação primordial só é possível, portanto, pela presença da mãe, este “Primeiro Grande Outro” (Lacan) em quem a criança se reconhece. 3) Por fim, Lacan observa que esse reconhecimento pela criança de sua imagem lhe causa um “júbilo”: aquele que até agora se experienciava como um “corpo fragmentado” integrará a imagem de um corpo unificado, e o júbilo sublinhado mostra que não há é um investimento libidinal de sua parte, em outras palavras, desejo.

Graças a isso, novamente, pode começar para ele o período edipiano, o desenvolvimento de uma representação imaginária de sua mãe da qual ele seria o único objeto de desejo. Então, ao conhecer o pai, poderá sentir, ainda imaginário, que é seu rival na satisfação do desejo da mãe. Por fim, a aliança repetida durante a fase de espelho da imagem especular e seu nome dito pela mãe o iniciarão no registro simbólico. Este momento se tornará assim o ponto de abertura para todas as operações simbólicas que a criança deverá realizar durante o período edipiano. A fase do espelho abre assim à criança a possibilidade de compreender o emaranhado do simbólico e do imaginário que marcará este período e que encontrará o seu fim na simbolização da proibição do incesto através da intervenção da lei do pai.